

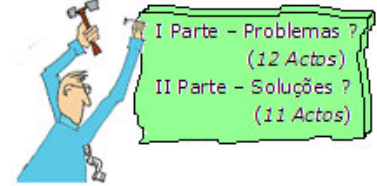


**Nelson Trindade**

Edição SocioSistemas  
[www.sociosistemas.com](http://www.sociosistemas.com)



## **Lupa sobre a democracia \_ Acto 3** **Os Actores**



**... racismo político ... Existe um racismo partidário ?**

*Racismo é recusar e ter horror às diferenças, atribuindo-lhes valor negativo e, numa recusa "cega", isolar-se dentro das semelhanças.*

*Mas as diferenças são a base da vida, é devido às diferenças entre homem e mulher que nascem crianças.*

*Dizer que um indivíduo é doutro país (diferença) não é racismo, mas dizer que por ser desse país não presta é uma diferença negativa de recusa "cega".*

**Televisão, comentário de um político:**

*[... Ele é do partido "X", mas é boa pessoa...],  
[... sim, é do partido "X", mas sou amigo dele...]*

**como se esta posição de aceitar o "diferente" mostrasse um elevado estof moral e humano, e um educado "fair play" político.**

**Televisão, pergunta do entrevistador:**

*[... no seu caso, como é do partido "X",  
e a sua esposa do partido "Y",  
como é que se entendem lá em casa?...]*

**Tudo se passa como se viver com ... alguém doutro partido... fosse contra-natura (?).**

A base da organização do sistema democrático é **"cada indivíduo tem uma vontade própria, que se expressa no chamado voto.** O somatório das vontades próprias (individuais) dá a vontade colectiva. A vontade colectiva origina a decisão. O raciocínio é simples e claro.

Mas, existe aqui um pequeno "bug".

A decisão exige "a verdade sobre a realidade a actuar" e a votação dá "a verdade sobre o acordo grupal". E as duas verdades não existem no mesmo plano. Pode estar tudo de acordo e estar tudo errado.

Por exemplo, num grupo de médicos vota-se a operação de um doente. Estão todos de acordo, excepto um. Portanto, a votação deu o acordo grupal de operar, mas isso não significa necessariamente a verdade técnica de ser a melhor solução. O único que não

concordou com o grupo poderia ser o que estava certo sob o ponto de vista técnico. O combate a este "bug" passa pelo diálogo entre todos os votantes sobre o problema da votação. Mas esta democracia dialogante não é a mesma da democracia apenas votante.

Os Actores da Democracia são os cidadãos, que expressam no voto a sua **vontade informada**. Mas vontade informada não significa vontade possuidora de informação, mas sim vontade possuidora de informação compreendida. O que não é o mesmo.

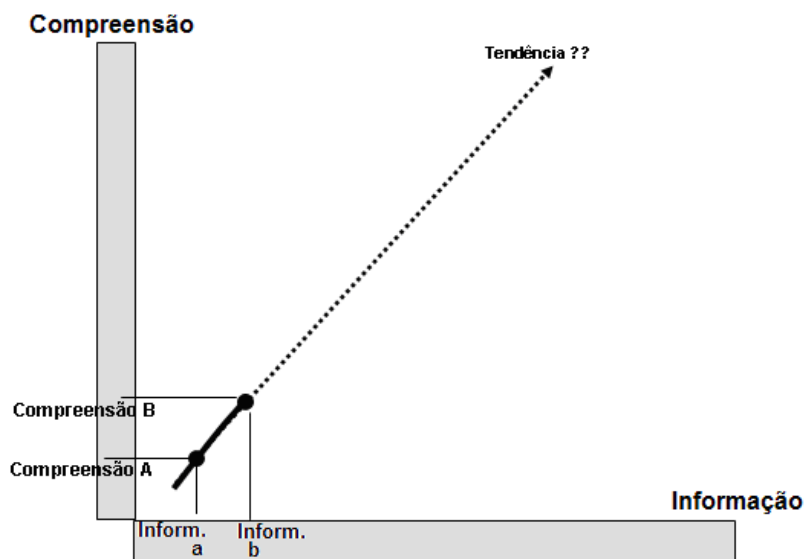
A construção da compreensão a partir da informação depende directamente do empowerment dos utilizadores dessa informação (Cidadão ou Zombie?).

O que é o empowerment do indivíduo? É a sua capacidade de passar dos dados/informação recebidos à compreensão significativa através deles construída. Como é que esta passagem acontece ?

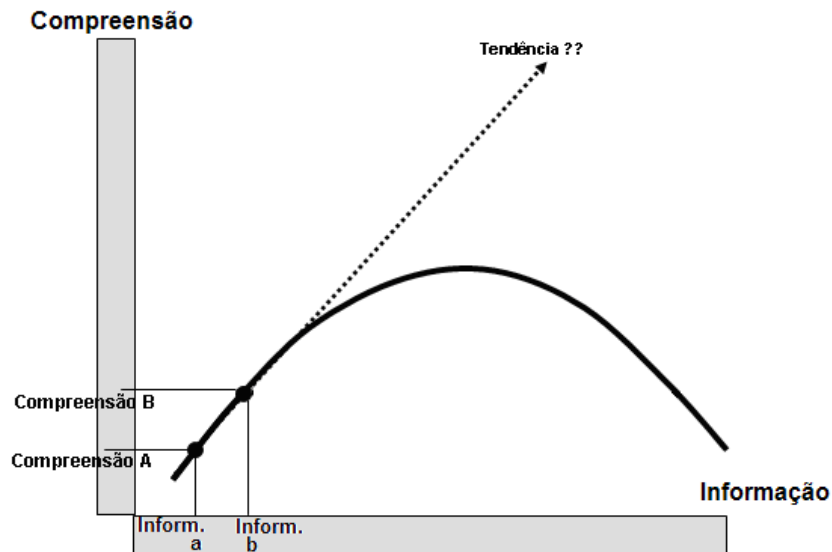
Num exemplo:

Imagine-se uma curva que relaciona a informação fornecida ao cidadão com a compreensão que ele obtém.

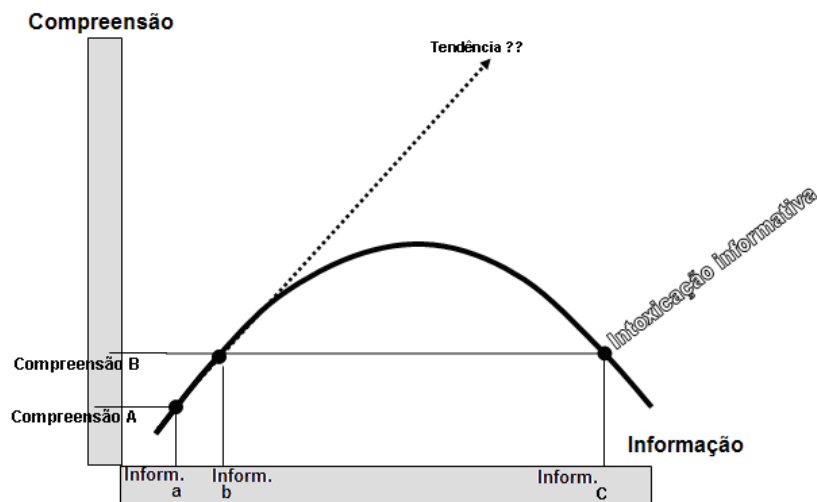
Para a informação **a** e **b** é obtida a compreensão **A** e **B**.



Porém, a curva resultante não segue a tendência indicada pela seta, mas sim:



Quer isto dizer que se agora o sistema político continuar a enviar grande volume de informação, até alcançar por exemplo o ponto **c** (vide esquema abaixo), a compreensão resultante será exactamente a mesma (valor **B**) que se obtinha com a informação **b**, bastante mais reduzida .



Ou seja, não se ganhou nada em compreensão com este aumento informativo.

No caso de um receptor com esta curva, ele acabou por cair na chamada zona de **intoxicação informativa**, cujo efeito prático é exactamente o mesmo da alternativa de **retenção (censura) informativa (censura)**. Em ambos os casos, ele não tem condições de escolha real, uma por hipo informação e a outra por hiper informação. Nestas circunstâncias ele tem que encontrar alguém que decida em seu nome, um "democrata" (na intoxicação informativa) ou um "ditador" (na retenção informativa). A consequência prática é a mesma.

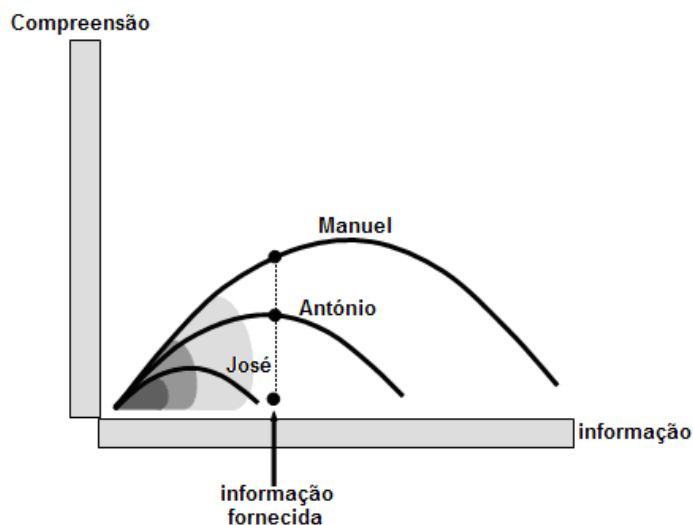
Mas este não é o ponto crítico entre as duas alternativas.

Será que duas pessoas diferentes terão a mesma curva "INFORMAÇÃO-COMPREENSÃO" relativa a um determinada tema?

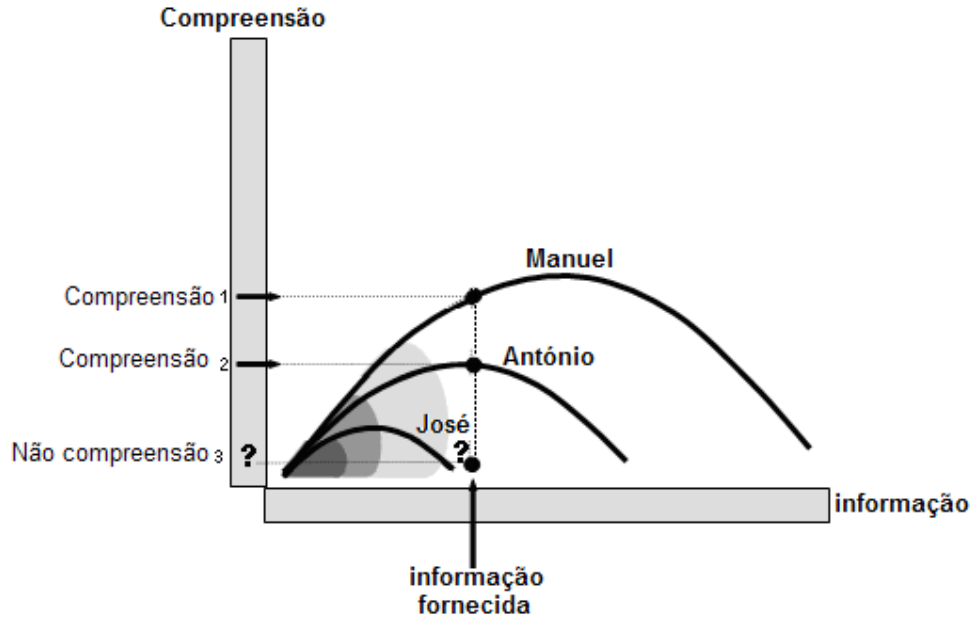
Será a diferença entre estas curvas que diferencia o Amador do Profissional em qualquer área de trabalho ou vida?

Num exemplo:

Vamos imaginar 3 pessoas, o Manuel, o António e o José, com 3 curvas diferentes e a quem foi fornecida a mesma informação:



Para o Manuel essa informação ainda está aquém da sua capacidade de estruturação, mas para o António já está no seu limite, para além do qual entra na área da intoxicação informativa. Para o José essa informação deve "ser brincadeira", talvez "ficção científica", ou seja, está fora da sua esfera de compreensão.

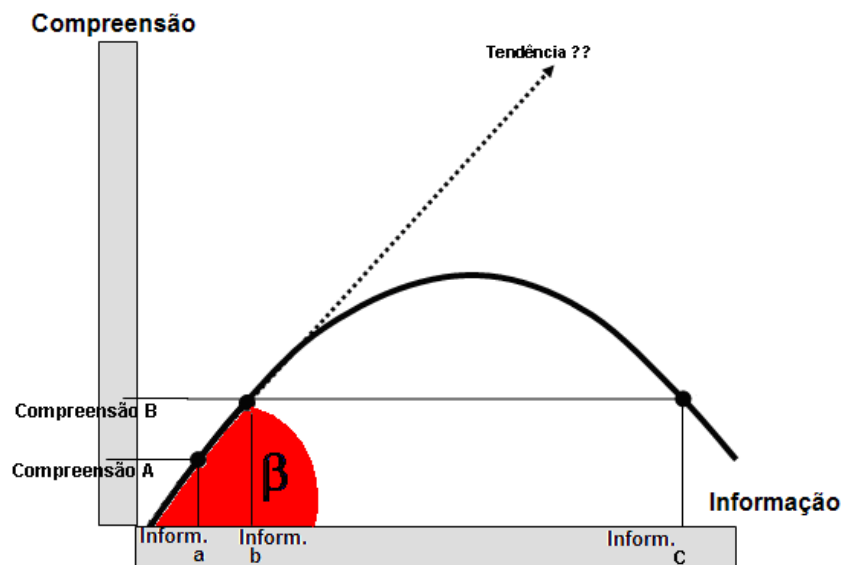


Num exemplo, perante um novo, complexo e estranho tratamento clínico, um médico terá dele uma compreensão muito mais clara e profunda, permitindo-lhe uma análise crítica com uma certa profundidade.

Porém, outras profissões doutras profissões de áreas bastante diferentes poderão ter alguma compreensão, mas numa generalidade onde talvez existam mais dúvidas que certezas.

Por fim, para um indivíduo sem qualquer formação científica e/ou sem bases culturais adequadas, possivelmente oscilará entre acreditar por "fé" na Ciência (admitindo que sabe o que é) ou na pessoa que o informa, ou então recusará essa informação pois "obviamente" é apenas uma "brincadeira de mau gosto".

O ponto crítico da diferença entre estas 3 curvas pode focalizar-se no Ângulo  $\beta$ , característico de cada curva, e expressivo do "empowerment" do receptor da informação, neste caso o cidadão:



À semelhança da pedagogia, onde o principal papel do Professor é aumentar cada vez mais este ângulo para aumentar o "Empowerment" do aluno no processo de aprender, também um processo democrático deve procurar aumentar o "empowerment" dos cidadãos na participação democrática e não definhá-lo cada vez mais.

Em qualquer sociedade, a crescente apatia de participação, quer entre a "sociedade civil", quer entre a "sociedade política" (quando muitos dos seus membros activos abandonam a actividade) é um sinal crescente duma "doença democrática" deste tipo.

Os esclarecimentos informativos tipo "circo romano" tem um efeito poderoso no aumento da doença, pois muita informação é circulada, mas o resultado dessa informação é o cidadão sentir-se mais confuso no fim do que no princípio. Uma técnica muito usada é misturar informações de "decisão social" (da esfera dos cidadãos") com informações "operacionais" (da área dos técnicos). A fronteira entre estes dois tipos de informação não é fixa pois depende do nível cultural/técnico dos receptores da informação.

Por exemplo, em média, a sociedade portuguesa tem hoje mais capacitação na compreensão da área da Saúde do que no tempo dos nossos avós, onde o actual nível só se encontrava nos médicos (hoje, necessariamente com um ângulo  $\beta$  maior, vide esquema anterior), ou seja, hoje, num debate político sobre certos aspectos da Saúde, o que dantes seria operacional, fará hoje parte da informação para decisão social do cidadão.

A principal responsabilidade da "sociedade politica" é fazer com que essa fronteira se alargue cada vez mais, fazendo com que áreas operacionais entrem nas áreas de decisão social. Chama-se a isto o empowerment dos cidadãos. O aumento do número de referendos que hoje se verifica em relação ao passado, é uma consequência e exigência de uma sociedade que nitidamente caminha da "democracias governada" para uma "democracia governante".

Contudo, no modelo actual, apesar de cada cidadão ser o esteio do processo democrático, dado o elevado número de indivíduos em causa torna-se difícil considerar cada posição de *per si*. Logo, considera-se que nem todos podem participar, portanto, a solução é "serem ouvintes e aceitantes do que ouvem". O modelo em uso são "milhares de pessoas a ouvirem meia dúzia" (o chamado comício, modelo também bastante usado por Hitler, como a História nos ensina) ... e a concordar com o que ouve.

Na verdade, o comício político não é uma sessão de esclarecimento informativo, mas sim, uma cerimónia de fortalecimento dos laços de pertença grupal.

Como normalmente só lá estão os partidários ou simpatizantes, eles já não precisam de ser convencidos, portanto, o objectivo não é criar novas adesões, mas sim criar reforço interno e/ou enviar mensagens de aviso para o exterior.

No plano global perante a dificuldade de participação intensa de todos, a solução foi criar grupos afins de participação parcial, homogéneos, originando assim *posicionamentos colectivos*, com as mesmas pré-soluções e valores (ideologias). Os chamados **partidos**...e um deles toma o poder.

Depois, como dentro dos partidos o problema da participação de grandes número de pessoas também se torna difícil, adoptou-se a mesma solução: criam-se grupos homogéneos dentro dos partidos, e também um deles toma o poder.

Mas depois, dentro deste pequeno agrupamento, **ou sub-partido**, como o problema se repete, torna-se a criar outro pequeno agrupamento homogéneo, normalmente os "**notáveis**" de cada partido. E por fim, usando o titulo do livro de Jeffrey Archer como referência, chegamos ao "**Primeiro entre os iguais**"... com a participação democrática diluindo-se pelo caminho.

Uma frase característica deste processo é a afirmação em público: "...fui democraticamente eleito, portanto, até novas eleições, eu é que mando...". É bom não esquecer que o Hitler foi eleito.

Como a própria palavra indica, **partidos** significa o resultado obtido após um processo de **partir** a sociedade em blocos. E se uma sociedade foi partida em blocos, é porque foram criadas **fronteiras** dentro dela. E se existem fronteiras separando blocos, é porque **dentro** de cada bloco se encontram os **iguais**, e do lado de **fora** se agrupam os **diferentes**.

Assim, criar **partidos**, é criar, logo à partida, **blocos com diferentes posicionamentos**, e isto antes da definição de qualquer problema. A posição vulgar (como aliás foi verbalizado num debate) é "... não sei o que vai dizer, mas como sei o que ele pensa, não vou concordar....".

Como já foi salientado (vide Acto 2), o actual modelo de democracia é um sistema adversário, mas este sistema adversário tem uma característica curiosa, os seus membros no fundamental querem o mesmo, nas no urgente combatem-se.

Por outras palavras, os seus participantes (Governo-Oposição) definem como seu **objectivo fundamental** construir a melhor solução para o País em que ambos vivem, mas têm como **objectivo urgente** a derrota do oponente, das soluções que este propõe.

A questão que se coloca é, na estratégia partidária, qual destes dois objectivos domina o outro. Como normalmente o sistema adversário domina o sistema colaboração, a resposta é fácil: o objectivo urgente domina o objectivo fundamental.

Quer isto dizer que a conquista do poder se sobrepõe à construção da melhor solução. Neste sentido, provocar ou permitir (por omissão) prejuízos à situação comum, pode ser um *preço aceitável* (o ponto crítico é a definição do aceitável) para conquistar o poder (ou para lá se manter).

A ideia que suporta esta estratégia do "mal necessário" é que se considera que "*depois de lá estar, nós recuperamos...*", esquecendo que o jogo continua e que o adversário, fazendo a mesma estratégia, vai obrigar o sistema a continuar em perda, mantendo-se o círculo vicioso de *perdas aceitáveis* contínuas, oriundas de pontos de vista diferentes e sucessivos.

Mas neste jogo, existem *terceiros* a partilhar as consequências das jogadas, a chamada sociedade civil, que não são meros espectadores, mas sim jogadores *passivos*, pois são eles que suportam as perdas, acabando por pagar o preço real das estratégias.

Dentro desta dinâmica e depois desta estrutura construída e a funcionar, o problema é mantê-la coesa. Duas acções são normais: o enclausuramento no grupo de iguais e a disciplina interna.

A estratégia base é cavar fronteiras entre os blocos, clarificando posições por aprofundar o que os separa, procurando tornar cada bloco bem distinto, ou seja, facilmente reconhecível.

Por outro lado, a necessária estabilização (?) democrática leva a procurar aumentar o número das adesões ao partido e a impedir a sua saída para outros partidos.

Isto significa que não basta *cavar fronteiras*. É preciso tornar o *interior bom e apetecível* e o *exterior mau e desagradável*. A estratégia seguida é valorizar ao máximo o grupo de *iguais* que estão no interior das fronteiras <sup>1</sup> e, simultânea e principalmente, desvalorizar e detonar repulsa pelos *diferentes*, os que estão no exterior, ou seja, o grupo opositor. O método utilizado é sempre o **empolamento negativo das diferenças**, ou seja, "*... eles não prestam...*".

Repare-se que em qualquer debate na TV, na resposta a qualquer tema, antes da resposta, normalmente ataca-se o outro com algo que ele fez mal ou errado no passado. E o tempo que demora este ataque é superior ao tempo gasto na resposta.

Podendo o racismo definir-se como uma atitude baseada em *diferenças categorizadas* (*a minha é boa, a do outro é má*), valorizando-se portanto a categoria que o grupo possui, e desvalorizando-se, tendo horror (ou repulsa) à categoria diferente que se encontra fora do grupo. Estas diferenças podem ir desde a cor da pele, à idade, a doenças, a hábitos, ou a regiões onde se vive (ex. Norte-Sul), sob formas expressas e duras a formas mais subtis e suaves do tipo "*... não o quero cá em casa...*".

Na prática, isto traduz-se em *juízos* automáticos de um indivíduo, em função do grupo a que pertence.

A luta por adesões e o esforço de coesão interna dos diferentes partidos no *sistema adversário democrático*, origina que as soluções pré-definidas e os referenciais de luta que caracterizam cada partido ultrapassem a mera esfera cognitiva-cultural e transbordem para a sua incorporação na área afectiva e da personalidade.

Os indivíduos deixam de **ter ideias** para passarem a **...ser as ideias**. Os alicerces do

---

<sup>1</sup> - "*... fez isto, e foi a um indivíduo do próprio partido ...*". A conclusão a tirar é que se fosse a alguém doutro partido não faria mal.

racismo estão criados.

Por outras palavras, uma atitude racista conduz a que, pelo facto de um indivíduo ser classificado numa determinada categoria, é logo considerado possuidor de uma diferença **desvalorizante**. A cultura partidária acaba por desenvolver um processo semelhante.

Na prática, um partido é uma *diferença categorizada*, onde existe uma valorização grupal daquilo que os une e uma desvalorização daquilo que recusam: *o que os diferentes têm*.

Na verdade, a luta pelo poder centra-se na tentativa de conquistar cada vez mais adesões, levando os **neutros** a tomarem posição nessa luta. Estes, ao sair da neutralidade, ficam automaticamente de um lado contra todos os que têm o estigma de pertencer ao outro lado. Por outras palavras, aderem ao sistema de *exclusão categorizada*; isto é, aderem a uma perspectiva racista (no sentido técnico do conceito), podendo existir circunstâncias ou grupos que levam isso até às consequências operacionais. Só a leitura dos jornais torna isto claro.

Estas **diferenças desvalorizantes** são *armas* importantes, muito usadas dentro do sistema adversário atrás descrito.

No plano interno, cada militante vai sustentar também uma luta, no sentido de se identificar cada vez mais com aquilo que os homogeneiza, procurando ser **o primeiro entre iguais**. Quanto maior for a sua colagem a essa diferença competitiva, que tanto valor lhes dá, maior vai ser o seu progresso dentro da estrutura interna de poder.

Ao mesmo tempo, procura distanciar-se o mais possível dos diferentes, dos estranhos, *estrangeiros* ao seu bloco de referência (as chamadas sensibilidades internas).

A mudança é mal aceite. É vulgar em termos públicos surgirem críticas a alguém por ter pertencido anteriormente a outro partido (*..é menos puro na sua ideologia...*), ou elogios por ter aderido desde o início ao partido e nunca o ter abandonado (ou seja, *... tem uma pureza ideológica que não se deixa contaminar*).

Mas um aspecto que reforça bastante esta consolidação partidária é a disciplina interna. Basta ler relatos de ex-militantes para perceber este aspecto, ou entender o que a frase *"...não concordo, mas é a posição do partido..."*, ou numa versão mais suave *"...não conheço bem o problema, não é a minha área, mas é a posição do partido..."*.

No plano externo, a estratégia consiste em fazer os *neutros* entrar neste jogo de *igualdade-diferença*, agudizando as zonas de fronteira. Este processo resume-se a criar auto-estima por pertença a um grupo de iguais (efeito afectivo dos comícios), e desapreciando, desprezando e repudiando os grupos estranhos ao seu grupo. A técnica traduz-se em aumentar, mitificar e dar notoriedade a *diferenças*, de modo a criar recusa.

As campanhas eleitorais são, assim, uma forma de mobilizar os neutros através da exposição, intensificação e agudização de diferenças, em que a versão do próprio grupo é valorizada e a do grupo contrário é desvalorizada.

Todavia, com esta forma de *jogo democrático*, uma espécie de cultura Racista vai-se instalando sub-repticiamente, criando hábitos culturais que contaminam outros campos... O que irá acontecer à sociedade ??

#### **COLHE-SE O QUE SE SEMEIOU ... (Lupa sobre a Democracia\_ Acto 4).**

#### **Bibliografia**

- Nelson Trindade, Paula Silveira, Sistemas de informação Organizacionais, obra colectiva, co-autores, Edições Sílabo, Lisboa, Dez 2005
- Nelson Trindade, INA, Actas 2ª Jornada, Centro Cultural Belém, Junho 2005
- Nelson Trindade, V.Ex....Tu... Sr. Ministro, Ed. átrio, Lisboa, 1995